

## ENTRE ESCRITAS E VIVÊNCIAS: O PAPEL DA CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NA ESCRITA DE CONCEIÇÃO EVARISTO E PAULINA CHIZIANE

### *BETWEEN WRITINGS AND EXPERIENCES: THE ROLE OF STORYTELLING IN THE WRITING OF CONCEIÇÃO EVARISTO AND PAULINA CHIZIANE*

Letícia Franzini (UFSCar)<sup>1</sup>  
Daniel Marinho Laks (UFSCar)<sup>2</sup>

**RESUMO:** O artigo intitulado *Entre escritas e vivências: o papel da contação de histórias na escrita de Conceição Evaristo e Paulina Chiziane*, tem como objetivo a análise da posição das duas autoras com relação ao seu fazer literário. Nesse sentido, este texto se concentra na análise das obras literárias *O Alegre Canto da Perdiz* de Paulina Chiziane e *Olhos d'água* de Conceição Evaristo, explorando o papel fundamental da contação de histórias e da escrevivência nas narrativas. Além disso, temos como objetivo a análise da maneira como as autoras utilizam a arte de contar histórias para dar voz a personagens femininas e seus espaços, enfatizando a resiliência e as experiências únicas dessas mulheres. Investigando, portanto, como as obras abordam a crítica pós-colonial ao reimaginar histórias tradicionalmente silenciadas e destacar a importância da representatividade. A comparação entre as duas obras ressalta como a contação de histórias e a escrevivência podem ser ferramentas poderosas para explorar temas como identidade, gênero e história, proporcionando uma visão rica e multifacetada sobre a experiência feminina.

**PALAVRAS-CHAVE:** Contação de histórias; escrevivência; Paulina Chiziane; Conceição Evaristo.

**ABSTRACT:** The article entitled *Entre escritas e vivências: o papel da contação de histórias na escrita de Conceição Evaristo e Paulina Chiziane*, aims to analyze the position of the two authors in relation to their literary making. In this sense, this text focuses on the analysis of the literary works *O Alegre Canto da Perdiz* by Paulina Chiziane and *Olhos d'água* by Conceição Evaristo, exploring the fundamental role of storytelling and *escrivivência* in narratives. In addition, we aim to analyze how the authors use the art of storytelling to give voice to female characters and their spaces, emphasizing the resilience and unique experiences of these women. Therefore, we investigate how the works address postcolonial critique by reimagining traditionally silenced stories and highlighting the importance of representativeness. The comparison between the two works underscores how storytelling and writership can be powerful tools to explore themes such as identity, gender and history, providing a rich and multifaceted view on the female experience.

**KEYWORDS:** Storytelling; *escrivivência*; Paulina Chiziane; Conceição Evaristo.

---

<sup>1</sup> Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Estudos de Literatura (PPGLit) da Universidade Federal de São Carlos. E-mail [leeh.franzini@gmail.com](mailto:leeh.franzini@gmail.com) <http://lattes.cnpq.br/3083038026451036>

<sup>2</sup> É professor adjunto e professor do quadro efetivo do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Literatura (PPGLit) da Universidade Federal de São Carlos. Realizou pós-doutorado na Universidade Federal Fluminense com financiamento FAPERJ. <http://lattes.cnpq.br/9531610287211600>

## INTRODUÇÃO

Ana Mafalda Leite, em *Literaturas Africanas e Formulações Pós-Coloniais*, traça um panorama que abrange desde o surgimento até as diversas transformações da noção de pós-colonial. O termo surge no campo historiográfico para, posteriormente, se desenvolver no âmbito dos estudos literários, deixando de designar um marco cronológico, referente ao fim do domínio colonial e advento das independências, para se referir a uma abordagem específica, que reflete, tanto em nível estrutural quanto conjectural, sobre a condição periférica das sociedades que passaram pelo processo colonial.

Nesse sentido, a autora nos mostra que o “pós-colonial não designa um conceito histórico ou diacrônico, mas antes um conceito analítico que reenvia às literaturas que nasceram num contexto marcado pela colonização europeia.” (LEITE, 2003, pp. 11). Assim, nesse processo, o termo deixa de lado seu caráter de marcação temporal, a fim de se tornar chave para análise para obras que surgiram nesse contexto e suas consequências atuais.

Essas abordagens englobam críticas e esforços para resgatar tradições que foram instrumentalizadas ou enfraquecidas durante o processo colonial. Dessa forma, a literatura influenciada pela crítica pós-colonial desempenha um papel fundamental ao conscientizar sobre as disparidades, levando os indivíduos a uma reflexão crítica das dinâmicas de poder. Isso não se limita apenas às relações entre a metrópole e a colônia no período pré-independência, mas também às interações entre centros e periferias na contemporaneidade. Além disso, são exploradas dinâmicas de colonialismo interno, onde métodos de exploração outrora aplicados no contexto colonizador-colonizado persistem entre as elites locais e a população em geral.

Dentro desse contexto de crítica pós-colonial na literatura, emerge uma série de autores notáveis, entre eles Paulina Chiziane e Conceição Evaristo. As duas se definem não apenas como romancistas, mas principalmente como contadoras de histórias ou, trazendo a tona termos propostos pela própria Conceição, escritoras de escritivências.

Essa afirmação ganha relevância quando consideramos a história e a tradição tanto moçambicana quanto brasileira. Muitas culturas tradicionais, desde as africanas até as indígenas brasileiras, valorizam a tradição oral como um meio de preservar conhecimento local e transmiti-lo entre gerações. A prática de contar histórias e narrar mitos tradicionais é, não apenas uma forma de compartilhar sabedoria, mas também de moldar a estrutura social.

O termo escritivência, foi elaborado pela escritora brasileira Conceição Evaristo, e mescla as palavras "escrever" e "viver". Ela utiliza essa nova palavra para destacar a importância de narrativas e histórias provenientes das vivências das pessoas negras,

principalmente mulheres, no contexto da literatura e da produção cultural. Para Conceição Evaristo, a escrevivência está além do ato de simplesmente escrever. Ela envolve a ideia de dar voz e visibilidade às experiências, memórias, emoções, lutas e trajetórias das pessoas negras que, historicamente, foram marginalizadas e excluídas dos espaços de representação e narrativa. Através dessa maneira de produzir literatura, a autora busca resgatar e celebrar as histórias que foram muitas vezes silenciadas ou distorcidas, e oferecer uma perspectiva autêntica e diversa sobre a realidade brasileira.

Assim, ao se direcionarem para a contação de histórias, Paulina Chiziane e Conceição Evaristo resgatam a rica tradição de seus países, escapando das limitações eurocêntricas. Elas se libertam das restrições técnicas do romance, encontrando espaço para transmitir suas narrativas de forma autêntica, sem amarras ou imposições.

Francisco Noa (2017), em *Uns e Outros na Literatura Moçambicana*, discute o papel da narrativa moçambicana como realização de um discurso de poder, discussão essa, que pode se estender ao espaço brasileiro. Se o sucesso do relato está ligado à forma como essa arte é exercida, o papel de narrador não pode ser empreendido por qualquer pessoa, estando, portanto, reservado para os indivíduos de maior talento no domínio das técnicas de prender a atenção dos ouvintes. A função de contador de histórias, portanto, carrega uma responsabilidade e importância primordiais, porque o contador é aquele que detém a tradição e que deve transmiti-la para as gerações futuras, mantendo-a viva dentro do seio da comunidade:

Aliás, nos universos africanos onde a força da oralidade ainda prevalece, mesmo que de forma residual ou transfigurada, não é qualquer um que pode contar histórias à comunidade, mas aquele que é iniciado, que é detentor de talento, que domina superiormente as técnicas da narração e que pode, prender o auditório. (NOA, 2017, p. 79).

Como exemplo de obras onde as autoras exploram a contação de histórias e a escrevivência podemos citar, *O Alegre Canto da Perdiz* de Paulina Chiziane e *Olhos d'água* de Conceição Evaristo.

A trama central da obra de Paulina gira em torno de Delfina e das mulheres de sua família: Serafina, sua mãe; Maria das Dores, sua filha negra; e Maria Jacinta, sua filha mestiça. Delfina, uma mulher de beleza cativante, é explorada pela própria mãe como prostituta em troca de favores dos colonizadores brancos. No decorrer da história, ela se apaixona por José dos Montes, um homem negro condenado, e eles decidem se casar como uma forma de desafiar o amor. No entanto, Delfina anseia por riqueza e poder, algo que José, como condenado, não pode oferecer. Ela o persuade a se assimilar à cultura colonial e trabalhar para o governo dominante. Maria das Dores, uma personagem central na trama, nasce desse relacionamento. Apesar de

desfrutar de uma vida luxuosa, Delfina não desiste de seu desejo de se casar com um homem branco, o que a leva a trair seu marido José com Soares, um português com quem a personagem acaba se casando posteriormente. Desse relacionamento, nasce Maria Jacinta, sua filha mestiça. Com o tempo, os conflitos familiares se intensificam, e com isso Delfina perde suas posses, poder e até mesmo o relacionamento que estabelece com Soares, até chegar ao ponto de entregar sua filha negra a um curandeiro em troca de favores de feitiçaria. No desfecho, Delfina perde tudo: filhos, amores, poder e beleza, o que a faz compreender as profundas consequências e sofrimentos infligidos pelo colonialismo. Nesse sentido, a narrativa da obra abrange dois períodos: o colonial, com a história de Delfina, e o pós-independência, com a história de Maria das Dores, uma mulher nua que emerge do rio e dá início à narrativa.

A obra de Conceição Evaristo, por sua vez, é composta por 15 contos onde encontramos, mães, filhas, avós, amantes, homens, mulheres, unidos por “dilemas sociais, sexuais, existenciais, numa pluralidade e vulnerabilidade que constituem a humana condição. Sem quaisquer idealizações, são aqui recriadas com firmeza e talento as duras condições enfrentadas pela comunidade afro-brasileira” (GOMES; EVARISTO, 2016).

Ao narrar as vidas dessas mulheres, o primeiro livro apresenta várias críticas, incluindo a colonização e os abusos sofridos pelas mulheres durante esse período histórico, refletindo sobre as cicatrizes deixadas pelo colonialismo e as dores resultantes ao tentar se ajustar a um mundo imposto pelos poderes arbitrários da colonização. O segundo segue a mesma direção, focando na crítica ao espaço brasileiro contemporâneo que ainda carrega em si muitas marcas deixadas pela colonização portuguesa e segue relegando o indivíduo negro (principalmente do sexo feminino) a posições extremamente subalternas e violentas.

## **ENTRE ESCRIVIVÊNCIAS E CONTAÇÕES DE HISTÓRIAS**

No ensaio intitulado "Genealogia e Poder," Michel Foucault explora estratégias críticas para construir um conhecimento que contraponha ao que é estabelecido pelos centros de poder. Ele sublinha a relevância do surgimento de críticas locais, as quais revelam os saberes específicos presentes nas sociedades subalternizadas. Foucault argumenta que é de suma importância trazer à luz tais perspectivas e conhecimentos autóctones das comunidades marginalizadas, a fim de questionar narrativas dominantes e reafirmar a capacidade de ação e a identidade dessas comunidades. Sobre isso, Foucault nos diz:

Portanto, os saberes dominados são estes blocos de saber histórico que estavam presentes e mascarados no interior dos conjuntos funcionais e sistemáticos e que a

crítica pode fazer reaparecer, evidentemente através do instrumento da erudição. Em segundo lugar, por saber dominado se deve entender outra coisa e, em certo sentido, uma coisa inteiramente diferente: uma série de saberes que tinham sido desqualificados como não competentes ou insuficientemente elaborados: saberes ingênuos, hierarquicamente inferiores, saberes abaixo do nível requerido de conhecimento ou de cientificidade. Foi o reaparecimento destes saberes que estão embaixo – saberes não qualificados, e mesmos desqualificados, [...], que chamarei de saber das pessoas e que não é de forma alguma um saber comum, um bom senso, mas ao contrário, um saber particular, regional, local, um saber diferencial incapaz de unanimidade e que só deve sua força à dimensão que o opõe a todos aqueles que o circundam – que realizou a crítica. (FOCAULT, 1979, p. 170).

Nesse sentido, Foucault sustenta que uma genealogia abarcando tanto os saberes acadêmicos quanto os saberes populares só é possível quando se abandona a imposição dos discursos universais. Isso implica em descartar a ideia de uma ciência universal que tenta abranger todas as sociedades sob uma única teoria. Em outras palavras, é necessário que a crítica busque realçar os conhecimentos locais e subalternos, contrastando-os com a unificação teórica que os hierarquiza em favor de um suposto conhecimento universal e absoluto.

Complementando essa ideia temos o pensamento de Spivak, que argumenta que o intelectual não deve falar em nome do subalterno, mas sim se empenhar em acabar com a condição subalterna, criando espaços nos quais esses indivíduos possam articular suas próprias vozes e serem ouvidos. Nessa ótica, o papel do intelectual não é assumir a posição de representante, mas sim atuar como um facilitador, ampliando as vozes marginalizadas para que elas possam se expressar e se envolver ativamente nos diálogos que as afetam. Ao conceder voz aos subalternos, o intelectual contribui para dismantelar as estruturas de poder que perpetuam a marginalização e a subalternidade, permitindo uma maior inclusão e diversidade de perspectivas no discurso tanto público quanto acadêmico. Ou seja:

Ao buscar aprender a falar ao (em vez de ouvir ou falar em nome do) sujeito historicamente emudecido da mulher subalterna, o intelectual pós-colonial sistematicamente “desaprende” o privilégio feminino. Essa desaprendizagem sistemática envolve aprender a criticar o discurso pós-colonial com as melhores ferramentas que ele pode proporcionar e não apenas substituindo a figura perdida do(a) colonizado(a). Assim, questionar a inquestionável mudez da mulher subalterna mesmo no projeto anti-imperialista dos estudos subalternos não é, como sugere Jonathan Culler, “produzir a diferença ao diferir” ou “invocar (...) uma identidade sexual definida como essencial e privilegiar experiências associadas a essa identidade”. (SPIVAK, 2010, p. 114).

Quando pensamos no contexto das mulheres subalternas, o silenciamento se torna ainda mais opressivo, uma vez que elas são silenciadas tanto por suas próprias comunidades quanto por grupos dominantes externos. Nessa perspectiva, Spivak destaca a importância de o intelectual estabelecer um ambiente propício para que as vozes subalternas, especialmente as femininas, possam emergir e ser reconhecidas. A autora nos diz que:

O subalterno não pode falar. Não há valor algum atribuído à “mulher” como um item respeitoso nas listas de prioridades globais. A representação não definiu. A mulher intelectual como uma intelectual tem uma tarefa circunscrita que ela não deve rejeitar com um floreio. (SPIVAK, 2010, p. 165).

Nesse sentido, Spivak argumenta que o intelectual pós-colonial tem a responsabilidade crucial de situar-se dentro de seu próprio contexto e questionar a imposição de silêncio sobre os indivíduos subalternos, particularmente no caso das mulheres. Através dessa indagação, o intelectual deve dirigir sua atenção para o subalterno, proporcionando a ele a compreensão de sua condição de silenciamento para, desse modo, possibilitar que ele tome a decisão de se posicionar e expressar sua voz.

Tanto Paulina Chiziane quanto Conceição Evaristo, se destacam como autoras que transcendem as definições e nomenclaturas eurocêntricas, ao mesmo tempo em que abraçam o trabalho intelectual proposto por Spivak. Paulina Chiziane, por sua vez, ao escolher se autodenominar como contadora de histórias, reverencia a tradição oral africana, que ao longo de séculos tem sido a forma primordial de transmitir conhecimento e sabedoria dentro das comunidades. Tal decisão também reafirma a importância de contar histórias que ressoem com as vivências e desafios do povo africano, permitindo que suas vozes sejam reconhecidas e suas experiências compartilhadas com o mundo. Assim, ela se apresenta como uma escritora profundamente envolvida com seu contexto e dedicada a valorizar as narrativas africanas, contribuindo para descolonizar o campo literário e promover uma representação mais genuína e inclusiva de sua cultura e sociedade.

Como já foi levantado anteriormente, Moçambique é um país enriquecido por uma tradição oral vívida, com a prática da escrita sendo uma contribuição trazida pela colonização. Ao se autodenominar como uma contadora de histórias, Paulina Chiziane resgata uma tradição intrínseca à sua nação, renovando o ato ancestral de narrar histórias ao redor das fogueiras, uma prática que permeou sua própria infância, conforme descrito pela autora:

Gosto de dizer que a minha literatura é isso: contar histórias. Aquilo que outras mulheres fazem dançando e cantando, eu faço escrevendo, como as velhas que através da via oral continuam a contar histórias à volta da fogueira. Eu apenas trago a escrita, de resto não sou diferente das mulheres da minha terra, das mulheres do campo. (CHIZIANE apud VALENTIM, 2012, p. 171).

É de suma importância salientar que, dentro da cultura moçambicana tradicional, o domínio da arte da contação de histórias é altamente valorizado e reconhecido como um espaço sagrado, repleto de poder e respeito. O papel de contador de histórias não é algo que qualquer indivíduo possa simplesmente assumir; ele exige iniciação e proficiência nas técnicas desse

ofício especial. Isso é abordado por Francisco Noa, que explora esse aspecto em suas discussões, dizendo que:

A narrativa é, no essencial, a arte de contar uma história e grande parte da sedução de um conto ou de um romance reside fundamentalmente na forma como essa arte é exercida. Aliás, nos universos africanos onde a força da oralidade ainda prevalece, mesmo que de forma residual ou transfigurada, não é qualquer um que pode contar histórias à comunidade, mas aquele que é iniciado, que é detentor de talento, que domina superiormente as técnicas da narração e que pode, assim, prender o auditório. Aliás, é diante das pausas, calculada e habilmente interpostas pelo contador da história, que a irreprimível pergunta presa de uma ânsia infantil irrompe amiúde de quem o escuta: e depois? Afinal, é também deste patrimônio oral que se funda e se alimenta parte substancial da literatura africana. (NOA, 2017, p. 79).

Nessa perspectiva, a prática da contação de histórias transcende a simples transmissão de narrativas. Ela está intrinsecamente entrelaçada com a identidade e tradição moçambicanas, funcionando como um veículo para compartilhar sabedoria, preservar o conhecimento ancestral e transmitir valores fundamentais de geração em geração. A decisão de Paulina Chiziane de se autodenominar como contadora de histórias não apenas resgata essa tradição, mas também eleva sua importância no contexto contemporâneo, reafirmando a relevância cultural dessa prática e sua habilidade em dar voz à realidade moçambicana em constante evolução.

Direcionando o olhar para Conceição Evaristo, observamos um fenômeno muito semelhante ao de Paulina Chiziane, pois, ao cunhar o termo *escrevivência* e fazer dele o guia para seu fazer literário a autora abre espaço para que mulheres pretas que foram silenciadas ao longo de toda sua existência em solo brasileiro possam “falar a partir de seus anseios e subjetividades, projetando seus discursos como um contra-argumento à falácia da supremacia patriarcal” (OLIVEIRA, SAMPAIO, SILVA, 2021, p. 171). Assim, seguindo o mesmo caminho de Paulina Chiziane, Conceição Evaristo se posiciona como a intelectual que abre espaço para diferentes vozes trazerem à tona suas vozes e vivências, o que fica claro em diversas falas da autora, como a transcrita abaixo, retira de uma entrevista da mesma.

Quando eu usei o termo *é... escrevivência* [...] se é um conceito, ele tem como imagem todo um processo histórico que as africanas e suas descendentes escravizadas no Brasil passaram. Na verdade, ele nasce do seguinte: quando eu estou escrevendo e quando outras mulheres negras estão escrevendo, *é... me vem muito na memória a função que as mulheres africanas dentro das casas-grandes escravizadas, a função que essas mulheres tinham de contar história para adormecer os da casa-grande, né... a prole era adormecida com as mães pretas contando histórias. Então eram histórias para adormecer. E quando eu digo que os nossos textos, é..., ele tenta borrar essa imagem, nós não escrevemos para adormecer os da casa-grande, pelo contrário, para acordá-los dos seus sonos injustos. E essa *escrevivência*, ela vai partir, ela toma como mote de criação justamente a vivência. Ou a vivência do ponto de vista pessoal mesmo, ou a vivência do ponto de vista coletivo. (EVARISTO, 2017a).*

Quando direcionamos o olhar para as obras e analisamos a narradora do romance de Paulina Chiziane e as diversas narradoras da obra de Conceição Evaristo, à luz das teorias de Spivak sobre o intelectual, percebemos que a maneira como elas nos apresentam a história tem profundas implicações na busca por reconhecimento e na luta contra a subalternização das mulheres. Essas vozes narrativas nos guiam através de suas próprias visões e espaços como mulheres, nos imergindo em narrativas que se desdobra, a partir do ponto de vista feminino. No entanto, esse posicionamento não se origina necessariamente de um confronto direto ou de um embate explícito. Em vez disso, somos envolvidos no mundo das dores e feridas das mulheres, o que nos provoca reflexões que nos direcionam ao reconhecimento de nossas próprias experiências e feridas como mulheres.

Essa abordagem cria um espaço de reconhecimento no qual as mulheres podem se enxergar nas personagens e nas situações apresentadas. Essas vozes narrativas, ao transmitirem essas perspectivas femininas, oferecem um espelho no qual as leitoras podem se refletir e se identificar. Esse espaço de identificação é fundamental para a busca pela expressão e pelo empoderamento feminino, pois permite uma conexão com as histórias contadas e para que seja possível encontrar um eco de suas próprias vivências.

Assim, a obra de Paulina Chiziane se torna um espelho dos conflitos presentes na sociedade moçambicana, que muitas vezes se encontra em uma encruzilhada entre o tradicional e o moderno. Essa dualidade se manifesta não apenas na estrutura da obra, que funde a tradição da contação de histórias com a forma escrita, mas também na própria narrativa, que por meio das histórias das mulheres, revela os desafios, sejam eles de natureza tradicional ou moderna, enfrentados por elas nesse contexto.

A obra de Conceição Evaristo, por sua vez, vem com o objetivo de refletir realidades e vivências de um Brasil independente que ainda carrega em si muitas cicatrizes do processo colonial e, por isso, segue relegando a população negra a condições de subalternidade e violência. Nesse sentido, a autora segue o mesmo caminho de Paulina Chiziane ao utilizar um método de transmissão de histórias tradicional para refletir sobre as dores e cicatrizes do povo subjugado e silenciado pela dominação colonial.

Portanto, ao se autodenominarem contadoras ou partirem de uma escritivência, as autoras não apenas resgatam e preservam uma tradição, mas também buscam escapar das categorizações acadêmicas que muitas vezes carregam um viés eurocêntrico. Essa escolha vai além da busca por liberdade criativa; ela se torna uma ferramenta de contra-poder pois, ao evitar as amarras teóricas europeias e resgatar tradições, essas escritoras subvertem a dinâmica de

poder, elevando o valor do que é seu e reivindicando um espaço de respeito em sua própria terra.

Nesse sentido, as autoras utilizam o poder simbólico como uma ferramenta para recuperar o que foi perdido durante o período colonial. Isso reflete a rica heterogeneidade do seu povo. Dessa forma, elas buscam a possibilidade de expressão a partir desse espaço plural, que não pode ser limitado a uma única e rígida definição.

## **CONCLUSÃO**

Nessa análise, emerge uma clara visão do papel transformador desempenhado pelas autoras, Paulina Chiziane e Conceição Evaristo. Essa busca pela retomada das tradições culturais e pela valorização da perspectiva feminina ressoa como uma resposta ao legado da colonização e como uma estratégia de empoderamento da sua comunidade.

Ao seguirem por esse caminho, as autoras não apenas celebram e mantêm viva a rica tradição oral de seu país, mas também escolhem deliberadamente se desvincular das amarras teóricas eurocêntricas. Essa escolha simbólica revela um ato de resistência intelectual, onde elas se colocam em posição de contra-poder, questionando e desafiando as normas impostas pelo colonialismo e suas influências persistentes.

A abordagem de Paulina e Conceição ao narrarem a partir da perspectiva feminina, como destacado por Spivak, destina-se a proporcionar um espaço de compreensão e reflexão para as mulheres. Ao dar voz às experiências, dores e desafios femininos, elas incentivam um processo de conscientização que permite que essas mulheres se posicionem e se libertem de sua subalternização histórica.

A retomada das tradições culturais, incorporando mitos e histórias locais, permite que as narrativas sejam enriquecidas com a profundidade da identidade tanto moçambicana quanto brasileira, ao mesmo tempo em que desafia a imposição colonial que procurou suprimir tais expressões culturais. O papel dessas autoras não apenas preserva a oralidade, mas também oferece uma plataforma para a reafirmação da identidade e do poder cultural de seu povo.

Assim, Paulina Chiziane e Conceição Evaristo se destacam como figuras de grande importância, exemplos de intelectuais comprometidas em promover mudanças positivas em sua sociedade. Suas narrativas não são apenas uma expressão artística, mas também uma ferramenta de resistência, reconstrução e empoderamento que contribui para a construção, tanto de um Moçambique quanto de um Brasil, mais diversos, inclusivos e autênticos.

**REFERÊNCIAS:**

CHIZIANE, Paulina. O alegre canto da perdiz. Porto Alegre: Dublinense, 2018.

EVARISTO, Conceição. Escritora Conceição Evaristo é convidada do Estação Plural: depoimento [jun. 2017]. Entrevistadores: Ellen Oléria, Fernando Oliveira e Mel Gonçalves. TVBRASIL, 2017a. YouTube. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Xn2gj1hGsoo>. Acesso em 08/08/2023.

EVARISTO, Conceição. Olhos d'água. Rio de Janeiro: Pallas: Fundação Biblioteca Nacional, 2016.

FOUCAULT, Michel. Microfísica do poder. Org. e Trad. Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

HERMINIO, Beatriz. A escrevivência carrega a escrita da coletividade, afirma Conceição Evaristo. Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo, 2022. Disponível em: <<http://www.iea.usp.br/noticias/a-escrevivencia-carrega-a-escrita-da-coletividade-afirma-conceicao-evaristo>>. Acesso em: 07/08/2023.

LEITE, Ana Mafalda. Literaturas Africanas e Formulações Pós-Coloniais. Lisboa: Edições Colibri, 2003

NOA, Francisco. Uns e outros na literatura moçambicana: ensaios. São Paulo: Editora Kapulana, 2017.

OLIVEIRA, Marcelo de Jesus de; SAMPAIO, Julian Casimiro de Camargo; SILVA, Olivia Aparecida Entre e para além da literatura: um estudo da noção “escrevivência”, de Conceição Evaristo. Nau Literária, p. 166–194, 13 dez. 2021. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/index.php/NauLiteraria/article/view/110421>>. Acesso em: 08/08/2023.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. Pode o subalterno falar? 1. ed. Trad. Sandra Regina Goulart Almeida; Marcos Pereira Feitosa; André Pereira. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2010.

VALENTIM, Jorge Vicente. Pelas Margens do Atlântico e do Índico: (ensaios sobre literaturas africanas de língua portuguesa). Manaus, AM: UEA Edições, 2012.

*Recebido em: 28/11/2023*

*Aprovado em: 18/12/2023*

*Publicado em: 09/04/2024*



10.29281/r.decifrar.2023.3a\_10